

IMAGENS DA GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA: MODERNIDADE, CAOS E INTEGRAÇÃO DOS SABERES

*CÁSSIO EDUARDO VIANA HISSA
LÚCIA HELENA DE OLIVEIRA GERARDI*

Introdução

O presente texto objetiva reunir informações sobre algumas possíveis relações estabelecidas entre fronteiras interdisciplinares, crise da razão moderna, caos e pós-modernidade. Em princípio, tais relações podem parecer distantes dos interesses da geografia. No entanto, muito do desenvolvimento teórico da ciência contemporânea está também fundamentado na valorização de novas sensibilidades (que percebem a natureza plástica dos limites entre as áreas do conhecimento) que, sobretudo, concedem espaço para a construção de uma “nova racionalidade”. A sensação é de “ordem rompida” e o momento histórico, construído ao longo dos trinta últimos anos do século XX, é compreendido como uma transição. Alguns autores procuram interpretar as características dessa transição a que, na ausência de melhor nomenclatura, denominam pós-modernidade (SANTOS, 1990; 1994). A geografia não está alheia aos movimentos das vanguardas do pensamento. Pelo contrário, parte essencial desses movimentos origina-se no próprio pensamento de caráter espacial, híbrido por natureza, que fornece energia intelectual para refazer a ciência conforme novos valores.

Modernidade e limites interdisciplinares

Para que sejam desenvolvidos os conceitos de crítica e de criatividade na ciência, e simultaneamente se realize uma avaliação do significado de modernidade — processo histórico em que também se efetiva o elogio apologético à razão e à técnica —, é necessário refletir sobre rupturas fundamentais que interferem na produção do conhecimento. Muito do que se compreende como “busca do rigor e da

objetividade” termina por criar expectativas falsas no que diz respeito à sensibilidades fundamentais ao ato da criação científica. Arte e filosofia são apartadas do que passa, no projeto da modernidade, a ser tomado como ciência. O método, muitas vezes qualificado como o “método científico”, é o que pretende diferenciar a ciência de outras formas de conhecimento. Ordem é palavra da modernidade mas, em muitas circunstâncias, contradição e crise são suas conseqüências. É da idéia de ordem, da cultura da ordem, que se originam diversas fraturas, rupturas, compartimentações no campo do saber. Ordenar é classificar, separar.

A ciência desmembra-se em disciplinas. O discurso da ciência fragmenta-se em vários discursos que, progressivamente, se diferenciam e ampliam a dificuldade de comunicação de linguagens. Através de rupturas mais fortes e expressivas, desníveis de discursos, incluídos no mesmo processo, são estabelecidos entre ciência e sociedade. A disciplina pulveriza-se em fragmentos que, muitas vezes equivocadamente, são tomados como especialidades. *O pensar e o agir, o puro e o aplicado, o saber e o fazer, a teoria e a prática* passam a ser trabalhados como conceitos antagônicos e não como dimensões integradas de um mesmo processo. A ciência esvazia-se de pensamento e torna-se plena de técnica, movida pelo sonho pragmático de progresso de raízes iluministas. A crítica, também entendida como instância de interpretação do mundo em observação, torna-se frágil e superficial. A crise da crítica é representação da crise da modernidade. É nesse contexto que, há décadas, discute-se o significado de interdisciplinaridade.

O projeto interdisciplinar é a manifestação do desejo de integração entre diversas áreas do conhecimento. Contudo, a interdisciplinaridade jamais se realiza como integração pelo motivo de que se faz sob a ordem da própria disciplina. A disciplina, contraditoriamente, é a referência do projeto interdisciplinar. A disciplina e a *ordem* da disciplina são, desse modo, os próprios limites da ansiedade interdisciplinar jamais solucionada.

Se as disciplinas científicas, constituídas pelo “pensamento especializante”, possuem núcleos que as fazem existir e se desenvolver aparentemente distantes e imunes de um saber totalizante, de outra parte elas também explicitam conflitos que ameaçam a sua existência autônoma. Tais conflitos afloram na mesma proporção do desenvolvimento do saber verticalizado. Nenhuma disciplina tem, absolutamente, o que pode ser denominado de autonomia ou independência no que tange aos paradigmas, aos métodos, às teorias e mesmo às tecnologias de que se servem. Nenhuma disciplina tem exclusividade de todos os temas que investiga. Nenhuma disciplina adquire direito de propriedade dos pensamentos que a povoam. Portanto, qual o significado dessa constante procura de autonomia pelas disciplinas? Nessa situação, qual o sentido da busca de fronteiras? A geografia não está isenta desse sentimento modernista. Por que haveria de estar?

O sonho da interdisciplinaridade somente se concretiza através da ruptura de fronteiras. As continuidades e mobilidades tornam-se referências e não mais a clausura da disciplina é tomada como modelo. Relações de aplicação e de constituição entre as áreas do conhecimento sócio-espacial e a incorporação de referências crítico-artísticas parecem motivar, nessa situação, uma análise melhor consolidada e mais consistente acerca da própria natureza da geografia e da realidade que busca investigar. Diante do quadro, como refletir sobre a geografia em suas relações com as outras disciplinas e, ainda, no que diz respeito aos seus diversos campos de estudos com discursos cada vez mais particulares que, à luz da modernidade estimulando a especialização por vezes pragmática, inviabilizam a própria crítica? Como refletir sobre a geografia sem detidamente refletir sobre as relações insolúveis que mantém com outras disciplinas? Como refletir sobre conhecimento sócio-espacial, portanto, sem discutir a questão da geografia? Como refletir sobre a geografia sem que se tenha remetido o pensamento ao *problema da ciência* e, mais particularmente, à *questão da interdisciplinaridade*? Enfim, nos tempos atuais, como discutir concretamente a interdisciplinaridade sem que se tenha dado conta do que se está denominando transdisciplinaridade?

A transdisciplinaridade passa a significar uma progressiva apropriação de discursos que termina, ao excluir fronteiras, por maximizar pretendidas integrações. Na desconsideração dos limites disciplinares, os efetivos contatos com áreas afins, a sensibilidade imaginativa, novos arranjos metodológicos, as integrações prática-teoria e conhecimento-ação, passam a ser compreendidos como fatores indispensáveis à crítica da *totalidade sócio-espacial* — interpretada como resultado de movimentos processuais que se estabelecem envolvendo *forma e conteúdo, ser e existência, produção sócio-espacial e organização sócio-espacial*. Em última instância, passa-se a compreender a produção científica como uma obra de interpretação de parcelas da realidade que, como expressões da arte, externaliza a concepção estética, política, de método e filosófica do autor e o contexto histórico em que foi concebida.

Nas últimas décadas, vê-se na ciência a emergência de paradigmas intitulados críticos e a geografia passa a ser discutida em um ambiente de crise e de renovação. Não mais se construiria a disciplina, de forma inquestionável, segundo a referência exclusiva do positivismo conservador, quando, sob diversos aspectos e circunstâncias, o conhecimento processar-se-ia à margem de reflexões teóricas indispensáveis. A geografia, na atualidade, passa por mais um momento de revisões, em um contexto global de crise das ciências e da humanidade. Esse contexto de crise é tomado, aqui, como equivalente ao conflito histórico da modernidade, no momento em que as expectativas de progresso são substituídas, ou pelo menos acrescidas, por frustrações e desesperanças. A propagação da técnica e da informação em escala planetária e a própria globalização da economia não corresponderam, na

mesma proporção, ao que se poderia denominar de mundialização da democracia e dos meios necessários à existência digna. A modernidade avança, também impulsionada pela ciência, mas estimula e explicita a crise e a contradição.

Quais são os indícios dessa crise manifestada na ciência? Os indícios poderiam ser apresentados a partir de vários dados e através de várias interpretações: a reflexão de que a ciência serviu, ao longo da história, de instrumento adicional de agravamento das tensões; o questionamento da neutralidade e do encastelamento da ciência; o questionamento do saber produzido a-criticamente e à distância da sociedade; a reflexão sobre a ineficiência de um saber fragmentado. A contemporaneidade, contudo, aponta na direção de movimentos significativos que, em seu conjunto articulado, podem ser definidos como uma crítica à ciência moderna.

A pós-modernidade não poderia ser compreendida como um paradigma da ciência que se coloca *contra* os modelos ou paradigmas da modernidade, mas como um movimento que conduz a reflexão e o pensamento *para além* da modernidade¹. É com bastante dificuldade que se realiza a discussão sobre o que se pode compreender por uma “ciência pós-moderna”. Por se tratar de algo tomado como novo, muito embora há cerca de vinte anos algumas obras têm tratado do assunto de forma mais aprofundada, os conceitos relativos à pós-modernidade na ciência são discutidos e utilizados a despeito da polêmica que suscitam. É inegável, contudo, que tal debate esteja estimulando, na atualidade, a construção de um clima propício à reflexão acerca da emergência da consideração de novas-antigas relações a serem (re)constituídas pela ciência. A pós-modernidade é ansiedade que orienta a reflexão para além da modernidade, assim como a *transdisciplinaridade* é um movimento que conduz o conhecimento produzido *para além da disciplina*. Esta é uma associação importante a ser feita, entre transdisciplinaridade, crítica e pós-modernidade, para que se consolide o significado que se deseja conceder aos referidos conceitos. A pós-modernidade remete-se, antes de tudo, à uma referência de desordem, na consideração da ordem contida nos modelos clássicos da ciência moderna. Não há fronteiras, mas um esforço espontâneo no sentido das continuidades. De fato, na ciência não há limites, senão os próprios e natos representados pelos obstáculos impostos ao objetivo da busca e da viagem ilimitadas do pensamento. Não há fronteiras entre disciplinas, ansiedade guardada a despeito da concretude da fragmenção do saber. Não há fronteiras nem propriedades. Do mesmo modo, não há proprietários, tampouco monopólios de discursos. Trata-se do espaço da crítica e da liberdade.

¹ Não é muito convincente o tratamento dado à pós-modernidade como um “novo paradigma” da ciência. Paradigma é modelo, é referência e padrão. O essencial do que se apresenta como pós-moderno escapa da norma e busca a liberdade; transgride a ordem e mergulha no caos como se lá, de fato, residisse a sua origem.

Ainda de acordo com o que se pode intitular como novas tendências em curso na ciência, são retomadas observações sugerindo que arte e pensamento são portadores de fontes comuns de inspiração. Metodologias de pesquisa mesclam-se, definindo sintomas de fuga aos rigores da convenção institucionalizada. Da discussão sobre a interdisciplinaridade, passa-se à concepção de novos argumentos em favor de idéias associadas à transdisciplinaridade. Do saber guardado pelas corporações parecem querer surgir novas formas de conhecimento associativo, fundamentado na ruptura das fronteiras disciplinares. Pequena parcela do mundo da ciência, portanto, preocupa-se com o mundo que escapa das esferas do saber convencional. Reflete-se mais sobre a importância da democracia, como estimulada também pela ciência, na construção de um saber tão inteligente quanto humanitário. Contudo, desde já deve ser sublinhado que este não é o movimento mais significativo e prioritário no mundo onde a técnica e a inteligência artificial parecem assumir posição de destaque. O saber especializado e a técnica têm os seus ambientes preservados, também por grandes parcelas da humanidade que lhes fazem reverência e lhes dão *status*. Novas especialidades surgem, como se fosse novo o que lhes origina, como se fosse sempre novo e moderno o sonho, e forte a esperança que lhes mobiliza. Por sua vez, as empresas, fato mais compreensível, e as universidades, fato menos justificável, empreenderam quase exclusivamente na produção de tecnologias. Este movimento majoritário não é, portanto, novo em sua natureza. Ele é apenas sofisticação da modernidade. O que é verdadeiramente novo caminha para além do movimento majoritário e assume a situação de vanguarda histórica na ciência.

O que se está chamando de novo poderia ser, aparentemente, melhor denominado de contemporâneo, também porque presente na atualidade. Contudo, a reflexão sobre os rumos da ciência inicia o seu esforço nos finais da Segunda Guerra. O impacto de Hiroshima e a perspectiva de catástrofes nucleares, associados ao panorama de desastre social e ambiental em escala planetária, quase sempre fenômenos históricos que se desenrolavam sob os auspícios da “racionalidade científica”, desempenhavam importantes papéis no estabelecimento desta ruptura. Movimentos como a “contracultura”, em grande medida orientados por grandes filósofos — como o caso de Edgar Morin —, também impulsionaram a ciência moderna para uma situação de crise ou, senão, representavam a própria crise do saber em processo de autocrítica. Dos anos setenta em diante, são sucessivos os movimentos internos à ciência, sugerindo uma consciência de ruptura do ambiente convencional e a construção de novas posturas, inclusive éticas, que poderiam ser identificadas como a emergência de um saber a que alguns intitularam “pós-moderno”.

A referência do caos

As interpretações acerca das transgressões dos limites interdisciplinares sugerem muito mais desordem do que as referências rigorosas externalizadas pela ciência moderna podem permitir. Desordem nas instituições de ensino e de pesquisa, nas práticas de pesquisa, na aplicação do conhecimento, na classificação das disciplinas. Os movimentos transdisciplinares estão muito mais associados às referências de desordem, que marcam o momento de crise e de transição, do que aos paradigmas de ordem compreendidos pela ciência moderna. Algumas referências teóricas, compatíveis com a crítica que se estabelece, são desenvolvidas e aproveitadas pelos próprios profissionais da geografia. A teoria do caos é uma das principais, ratificando a inserção de referências que, de algum modo, se contrapõem aos paradigmas da ordem.

A idéia de desordem é retomada, especialmente por alguns estudiosos das questões sócio-espaciais, a partir do desenvolvimento do que se denomina *teoria do caos*. DOLFUSS (1991, p. 302) associa *caos* às situações de desordem experimentada pelo mundo atual, depois de apresentar sumárias conceituações: caos é um “*non système*”.

DURAND-DASTÈS (1991) observa que a *noção de caos*, a despeito de sua ampliada utilização em áreas do conhecimento como química, mecânica, biologia, é originária da física e da matemática. Alguns ensaios de utilização foram feitos nas ciências sociais e a “legitimidade dessas transposições” — ou, como observa DURAND-DASTÈS (1991, p. 311), “*de cette nomadisation d’un concept*” — é objeto de discussão no contexto de debates sobre a transdisciplinaridade.

BRUNET (1991) apresenta definições da *noção de caos*, sob o formato de “verbetes” apropriados à consulta rápida. É sugestiva a associação entre a *noção de caos* e o significado de vago. Como anota BRUNET (1991), a palavra grega *chaos* significa em francês *béance* (grande abertura), e na mitologia designava “o infinito”, o vazio. Aquilo que não pode ser compreendido, pela sua infinitude, pela sua imprecisão, é “encaminhado à ciência” que constrói o sentido na desordem. BRUNET (1991) apresenta a *noção de caos* também articulada à “desordem aparente” como resposta aos fatores ou situações: 1) decorrentes de multiplicidade de ações em desenvolvimento, dificultando a percepção de “ordens” que podem ser antagonicas e não antagonicas; 2) de passagem aparentemente “desorganizada” e difícil de ser descrita, como numa transição entre dois sistemas; 3) constituídas de elementos inertes sem relação orgânica, cuja dinâmica entre eles não seja perceptível. Dentro dessas três possibilidades, considera-se como estimulantes as analogias passíveis de construção entre a *multiplicidade* que se interpenetra e a *transição* que dificulta a demarcação precisa da fronteira. Descobrir a ordem no caos é sentir-se dominado

pelo obstáculo representado pelo múltiplo em transição. Parece contraditória a sugestão de que a ordem é o limite do caos, também estimulando uma contínua procura (modernidade em busca da fronteira): descobrir o caos é redescobrir, ou reinventar, a ordem e a fronteira (modernidade e pós-modernidade que se entrecortam).

Outras definições apresentadas por BRUNET (1991) referem-se ao “comportamento caótico”. Trata-se, aqui, do domínio do imprevisível, da não linearidade de efeitos, de múltiplas flutuações e de movimentos que afetam “outras partes do sistema”. A “teoria do caos” é aplicada com propriedade e com “grande eficácia”, como o próprio BRUNET salienta, para a compreensão dos sistemas físicos (atmosfera). O autor acrescenta que ela pode ajudar a “compreender dinâmicas de sistemas geográficos”, incluindo o “crescimento demográfico”. Contudo, dando continuidade ao assunto introduzido por DURAND-DASTÈS (1991, p. 311), não é destituída de sentido a discussão sobre a legitimidade dessas transposições. Por exemplo, parece bastante temerária a inadvertida “aplicação” da teoria do caos para que se “compreenda melhor” a dinâmica demográfica, sobretudo no que diz respeito ao crescimento populacional. Assim, a teoria do caos, apresentada como novidade dos tempos de mudança, transforma-se em um modelo matemático determinista. Como observa PUMAIN (1991: 309), “... ces idées là, à propos des systèmes humaines, sont presque vieilles que la pensée!” Sobre a “migração de teorias”, e mais especificamente sobre o aproveitamento incondicional das mesmas pelas disciplinas, PUMAIN (1991, p. 309) observa que “a teoria matemática é útil aos matemáticos”. Isso não significa restrição, mas precaução e crítica. Não há novidade na reflexão correta de PUMAIN (1991, p. 309): é de responsabilidade dos cientistas descobrir, dentre todas as proposições teóricas provenientes de outras ciências, quais são as que têm alguma chance de auxiliar no aperfeiçoamento de teorias próprias². Vale a pena se interrogar com PUMAIN (1991, p. 309): “*Quelle est l'utilité d'un modèle qui prédit l'émergence d'un comportement chaotique d'un système de migrations interrégionales au bout de mille ans? (Rogerson, 1985, Courgeau, 1990)*”³. Mais uma vez, portanto, é necessário distinguir reflexão teórica, crítica e análise consistentes, de ativismo técnico.

A adoção da referência do caos como fundamento teórico é admitir a complexidade do mundo em estudo. No plano interno do saber, mais do que isso, é rejeitar as classificações e domínios do conhecimento e permitir que o pensamento ultrapasse as fronteiras interdisciplinares. As relações entre caos e

² A autora refere-se ao aproveitamento da teoria do caos pelos geógrafos.

³ PUMAIN remete-se aos trabalhos de ROGERSON. “*Disequilibrium adjustment processes and chaotic dynamics*”. *Geographical Analysis*, vol. 17, p. 185-198, 1985; COURGEAU. “*Un modèle d'analyse et de prévision de l'évolution des migrations interurbaines*”. *Actes du colloque de Rabat*. Paris: INED-AIDELF, 1990.

transdisciplinaridade adquirem importância nos movimentos recentes experimentados pela ciência:

“O caos rompe as fronteiras que separam as disciplinas científicas [...] Há 15 anos a ciência se encaminhava para uma crise de especialização crescente [...] essa tendência para a especialização foi revertida em virtude do caos. O caos suscita problemas que desafiam os modos de trabalho aceitos na ciência. Vale-se, e com muita ênfase, do comportamento universal da complexidade” (GLEICK, 1990: 5)⁴.

Busca-se construir relações entre caos e supressão de fronteiras disciplinares, focalizando a teoria do caos como uma referência de reversão da especialização sem limites. Além disso, sugere-se a referência do caos como um ponto de partida para leituras acerca da complexidade que constitui o universo de interesse da ciência⁵.

A reflexão sobre a noção de caos que, em princípio, é compatível com as tendências associadas à pós-modernidade pode, também, servir-se às análises reducionistas. Com uma nova roupagem, o discurso modernista poderia emergir intenso, como se fosse transformação desejada. Sob o estímulo do modismo, aqui também poderia ser sublinhada a interpenetração de moderno e de pós-moderno, a concepção tradicional que se adequa aos movimentos de vanguarda. A geografia e

⁴ A passagem é extraída da tradução para o português da obra de GLEICK. *Chaos: making a new science*, 1987.

⁵ BONASSA observa que o acaso, contido nas referências teóricas do caos, aproximam arte e ciência: *“A descoberta da importância do acaso inaugurou a pós-modernidade na literatura e abriu, ao mesmo tempo, novos horizontes para a física. No campo literário, Stéphane Mallarmé ultrapassou a modernidade com o poema ‘Um Lance de Dados’. Na física, a mecânica quântica, adotando o acaso como fundamento teórico, revolucionou a interpretação do mundo [...] O curioso encontro de um fundamento comum entre ciência e arte foi um dos principais temas do debate entre o poeta Haroldo de Campos e o físico Luiz Carlos de Menezes [...] Menezes fez uma apresentação da física que pouco faz lembrar equações matemáticas ou fórmulas incompreensíveis. Para ele, a ciência está muito mais próxima de formulações estéticas”* (BONASSA, 1995, p. 13). O próprio físico, MENEZES, comenta a importância da incorporação dessas novas referências para o avanço da ciência: faz da mesma algo novo e deixa para trás um saber arrogante, prepotente, ávido de controle: *“O acaso é uma base de independência, de liberdade, no fundamento da matéria, se se quiser assim. Ter compreendido isso foi um passo muito importante para a física. Talvez, de uma perspectiva mais primitiva, quase arrogante, se possa pensar no acaso, nesse movimento imponderável, incontrolável, da base material como uma capitulação, porque, onde há o acaso, nós não teremos podido controlar [...] Mas isso não é só pouca humildade: é pouca inteligência. É pretender que bom mesmo é estar tudo amarrado e sob controle. Eu acho que a ciência já está crescida para perceber, sobretudo ao longo deste século, o fundamental desse imponderável [...] A visão antiga, que hoje eu creio já estar ultrapassada, é de uma antinomia entre desordem e ordem — e o pensar o conhecimento como um civilizar, um botar ordem, alinhar a natureza [...] A física do começo do século para cá é sobretudo uma física das grandes harmonias, do pensar o conjunto, a harmonia do conjunto, e, portanto, uma física muito mais oriental, fundada na idéia de estética e de harmonia do que na idéia de intervenção e de causalidade”* (MENEZES, 1995, p. 13).

os movimentos de vanguarda na contemporaneidade: como se dá, pela disciplina, a absorção de tais movimentos?

Pós-modernidade e transdisciplinaridade

Alguns movimentos contemporâneos de vanguarda são progressivamente incorporados pela geografia. Eles fazem com que o saber passe a experimentar novas possibilidades de valorização. Tendências de organização de um saber geográfico mais criativo, menos pretensioso, podem também ser identificadas através de construções ditas pós-modernas. Algumas passagens da obra de SOJA parecem anunciá-las:

“Todo exercício ambicioso de descrição geográfica crítica, de traduzir em palavras a espacialidade abrangente e politizada da vida social, provoca um desespero lingüístico [...] O que se vê ao olhar para as geografias é obstinadamente simultâneo, mas a linguagem dita [é] uma sucessão seqüencial, um fluxo linear de afirmações [...], limitadas pela mais espacial das restrições terrenas, a impossibilidade de dois objetos (ou palavras) ocuparem exatamente o mesmo lugar (como numa página). Tudo que podemos fazer é recompor e justapor criativamente, num experimento com afirmações e inserções do espacial no veio preponderante do tempo. No fim, a interpretação das geografias pós-modernas não pode ser mais do que um começo” (SOJA, 1993, p. 9)⁶.

Da maneira como SOJA referiu-se à geografia, outros autores poderiam se referir às diversas disciplinas, incluindo a literatura, o cinema, a pintura, as artes. O mundo a ser representado, interpretado, “lido”, não se realiza através de articulações seqüenciais de espaços-tempos. A linguagem privilegia, escolhe, trabalha com fragmentos. Nesses termos, a linguagem é o próprio mundo e o seu exercício é “olhar para as geografias” (SOJA, 1993, p. 9), descrevê-las, interpretá-las, dar-lhes significado⁷. A descrição é linear e isso não tem qualquer relação com ausência de crítica. A descrição não tem as características às quais se referem: simultaneidade e instantaneidade. Mas o problema da linguagem representativa não é apenas esse.

⁶ O texto citado é extraído da tradução, para o português, da obra de SOJA. *Postmodern Geographies: the reassertion of space in critical social theory*. 2 ed. Londres: Verso / New Left Books, 1990.

⁷ Esse é o significado concedido, por SOJA (1993), à palavra *geografias*, nessa passagem: imagens superpostas, interativas.

E, tampouco, verifica-se exclusivamente na disciplina geográfica. Entretanto, já pelo fato de abordar o problema nesses termos, a leitura de SOJA apresenta um enorme salto.

Mas não se poder-se-ia afirmar, com precisão, que a obra de SOJA desvincilha-se de paradigmas modernos e, especialmente, do marxismo. O autor refere-se, inclusive, a uma “*pós-modernização da geografia marxista*” (SOJA, 1993, p. 82-95). Em princípio, pode parecer estranha a vinculação sendo que, em casos de interpretações mais ortodoxas, toma-se o marxismo como o pré-requisito da pós-modernidade na geografia. Parece suspeito compreendê-lo como passagem obrigatória para a pós-modernidade.

A concepção marxista de ciência jamais abandonou referências clássicas da modernidade, mesmo que possa ser interpretada como o paradigma crítico da modernidade. É certo. Tanto quanto compreender que positivistas da geografia, como de resto de todas as disciplinas, jamais identificam-se com as referências de “desordem” da pós-modernidade. Entretanto, por que desenvolver critérios rígidos e objetivos, buscando “passar em revista” as interpretações, procurando classificá-las e aprisioná-las em rótulos, com a intenção de definir-lhes uma fronteira que muitas vezes não possuem? A despeito da dúvida, SOJA (1993, p. 9) refere-se a seu texto como um “*ensaio experimental*”: ultrapassa propósitos clássicos da modernidade, interpretando o seu próprio estudo como possuidor de características de um “formato pós-moderno” (o ensaio experimental). Orientando o debate para a revalorização do espaço e da geografia, SOJA (1993, p. 12) comenta o título de seu trabalho, concordando que a utilização do “pós-moderno” anuncia intencionalmente “... *uma transição, possivelmente marcante, no pensamento crítico e na vida material.*” E é como uma transição, demandando uma leitura cuidadosa, que SOJA apresenta as novas referências:

“Continuo a encarar o período atual primordialmente como outra reestruturação ampla e profunda da modernidade, e não como uma ruptura completa e uma substituição de todo o pensamento progressista pós-Iluminismo, como proclamam alguns que se autodenominam de pós-modernistas (mas a quem melhor seria descrever, provavelmente, como anti-modernistas). Também compreendo o arisco antagonismo da esquerda moderna ao neoconservadorismo atualmente predominante e à obscurante extravagância dos movimentos pós-modernos. Mas estou convencido de que se perde um número excessivamente grande de oportunidades ao descartar o pós-modernismo como irremediavelmente reacionário” (SOJA, 1993, p. 12).

A leitura de SOJA é precisa. Abordagens pós-modernas não deveriam ser confundidas com anti-modernas. Quanto às extravagâncias, pode-se afirmar que permeiam todas as abordagens: modernas e pós-modernas. A extravagância pós-moderna pode, no patamar da interpretação conservadora modernista, ser interpretada em função das propostas de integração entre as disciplinas (transdisciplinaridade), da interpenetração de metodologias, das transformações de linguagem, dentre algumas características que apontam para o avanço das referências de “desordem”. Desordem: os modelos para a sua definição estão fornecidos pelos paradigmas da ordem. Finalmente, não há como desconsiderar a inserção de interpretações críticas (não reacionárias, utilizando o termo empregado pelo autor), incluindo leituras marxistas, na construção de abordagens pós-modernas de natureza sócio-espacial. SOJA, mais adiante, enumera alguns cenários possíveis decorrentes de projeções pós-modernas na geografia:

“O desenvolvimento de uma cultura política radical do pós-modernismo exigirá ... que se vá além das descrições empíricas rigorosas, que implicam uma compreensão científica mas, com excessiva frequência, escondem o significado político; além de um antimarxismo simplista que rejeita todas as descobertas do materialismo histórico; além dos chauvinismos disciplinares de uma obsoleta divisão acadêmica do trabalho, que se agarra desesperadamente a suas velhas prioridades; e além de uma geografia marxista que presume que já se criou um materialismo histórico e geográfico pela simples inserção de um segundo adjetivo. É preciso desenvolver um novo ‘mapeamento cognitivo’, uma nova maneira de olhar através dos véus gratuitos do pós-modernismo reacionário e do historicismo moderno, para incentivar a criação de uma consciência espacial politizada e de uma praxis espacial radical. Assim, as mais importantes geografias pós-modernas ainda estão por ser produzidas” (SOJA, 1993, p. 94-95).

Tendo em conta as novas tendências, todas as disciplinas estariam por ser produzidas. Não apenas a geografia. Contudo, a geografia, por várias de suas características, é lugar privilegiado do exercício transdisciplinar e do ensaio da integração⁸. Deve, portanto, estimular o contato e não a fronteira. A construção de um olhar geográfico, que em princípio estaria motivando a construção de uma autonomia disciplinar, como numa metamorfose transcenderia a lente da disciplina e transformar-se-ia em olhar espacial, por natureza transdisciplinar.

⁸ Muito do que se tem discutido sobre o advento de uma ciência pós-moderna se sobrepõe ao discurso transdisciplinar, posição equivalente à de MORICONI (1994, p. 116), para quem o pós-moderno é um paradigma transdisciplinar.

A transdisciplinaridade corresponde a uma instância do pensamento que concretiza o desejo da integração. Trata-se de um movimento para além da disciplina e da própria interdisciplinaridade. Os obstáculos constituídos pelas resistências corporativistas, a dificuldade do estabelecimento de reformas curriculares adequadas à ampliação do saber sem fronteiras, os limites impostos aos projetos de transformação das universidades em genuínos ambientes de crítica e de criatividade representam a barreira colocada à frente do novo⁹. Mas como considerar a transdisciplinaridade como uma metodologia, e por vezes até como uma técnica, como muitos querem? A transdisciplinaridade não é algo que se aplica mecanicamente: é pensamento; não se ensina e não se aplica; exercita-se, aprende-se, pratica-se. Além disso, é pensamento e prática que ultrapassam em muito o curto tempo exigido pelas reformas apressadas projetadas sobre a universidade, o ensino e a pesquisa.

Apesar dos grandes movimentos que ainda se acumulam para o futuro — cujas mais agudas reverberações ainda estão por acontecer — a ciência já se transformou. O mundo também mudou, mesmo que tenha mudado para a mesma direção apontada desde há muito tempo. É certo que são transformações diferentes, mas associadas e envolvidas pelo mesmo cenário histórico. Vários movimentos adquirem consistência e argumentação teórica, fazendo da ciência um espaço de crítica renovada.

Tais movimentos, incluindo vários outros que adquirem o significado de reconstituição do que se rompeu desde a modernidade iluminista — como as rupturas entre o *pensar* e o *fazer*, entre o *puro* e o *aplicado*, entre a *pesquisa* e o *ensino* —, conduziriam a geografia e todas as outras disciplinas para além de seus limites. Movimentos que responderiam a uma nova sensibilidade emergente na ciência; que refletiriam os anseios contemporâneos projetados para os diversos campos do saber. Fazendo referência ao trabalho de MONTEIRO (1988), observa AMORIM FILHO:

“La complejidad del mundo en que vivimos, la práctica de la actividad geográfica, así como la concientización y las preocupaciones de la comunidad de los geógrafos reclaman, no propiamente una ‘nueva geografía’ en este paso de milenio, sino urgentemente, una nueva sensibilidad geográfica...” (AMORIM FILHO, 1993, p. 16).

⁹ Os obstáculos aos desenvolvimentos das abordagens integradas, constituídos pelas diferenças e desníveis de discursos, são ainda fortalecidos pelo ambiente universitário — um verdadeiro ambiente de reservas de mercado, de concreta proteção aos proprietários de discursos especializados e incomunicáveis — e, na dimensão social, pelas atuantes corporações profissionais que trabalham com a justificativa da preservação do trabalho técnico regulamentado por legislações específicas. Entretanto, não há lei que garanta a crítica e a criatividade.

O autor não trabalha, em seu referido estudo, com as relações entre as disciplinas. Do mesmo modo, não sublinha as relações entre ciência e arte, entre geografia, poesia e literatura, para a construção de uma “nova sensibilidade” científica, uma “nova sensibilidade” geográfica. Mas a citada passagem de seu texto também deve ser tomada como registro concreto de uma insatisfação, que o leva a reclamar — apoiando-se em MONTEIRO (1988) — por uma “nova sensibilidade”. E o que aqui também se procura manifestar é, precisamente, a necessidade de dar materialidade a “novos” valores, sobretudo éticos, que possam construir um novo projeto de ciência. Assim, também, a razão reclama pela sensibilidade. A razão pede uma “nova razão”. O rigor, a objetividade, a metodologia, reclamam por uma “nova ética”. Metodologias interpenetram-se. Disciplinas entrecortam-se. A geografia reclama pelos contatos perdidos, com a arte, com a palavra literária, mais do que pela fronteira demarcada por um objeto próprio. A geografia também se mobiliza, consolidando as tendências de se transformar em um conhecimento mais amplo, como se nunca houvesse feito qualquer outro movimento ao longo de toda a sua história. Todas as disciplinas transformam-se em um conhecimento mais amplo, integrado. A modernidade transforma-se em crise, como se nunca houvesse experimentado outra situação senão esta. A transição anunciada torna-se planície, sem fronteira, para onde tudo converge e se integra.

É a partir desses “novos” valores que emergiria uma “nova sensibilidade” científica e uma “nova sensibilidade” geográfica. Do mesmo modo, tais movimentos estariam interpretando o espaço como conceito construído para além das fronteiras da geografia e das outras disciplinas. O que poderia ser compreendido como de domínio da geografia seria, de fato, transdisciplinar. A recusa ao contato passa a constituir ou reforçar a crise do saber que, especialmente no caso da geografia, reduz as possibilidades de crítica.

Tal situação está associada a outro aspecto a ser considerado: o tratamento dado à realidade. Isso quer dizer que a efetivação do contato entre a geografia e as demais áreas afins do conhecimento, na construção do saber acerca de temas específicos, viabiliza a consistência da crítica. A aproximação entre as áreas do conhecimento tende a ampliar os horizontes da ciência que, por sua vez, resultaria na elaboração de estratégias de planejamento mais compatíveis com as realidades sócio-espaciais, complexas por natureza. Apenas desta forma, à luz de referências construídas para além da clausura da modernidade, pode ser admitido e compreendido o que se denomina de mundo integrado.

Bibliografia

AMORIM FILHO, O.B. Las mas recientes reflexiones sobre la evolucion del pensamiento geografico. *Paisages Geograficos*, Quito v. 13, n. 27, p. 18-26, 1993.

BONASSA, E.C. Poeta e fisico discutem a importância do acaso. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 9 jul. 1995. Caderno Mais! p. 13.

BRUNET, R. Définition du chaos. *L'espace géographique*, n. 4, p. 315, 1990/91.

DOLFUSS, O. Chaos borné et monde actuel. *L'espace géographique*, n. 4, p. 302-308, 1990/91.

DURAND-DASTÈS. La notion de chaos et la géographie, quelques réflexions. *L'espace géographique*, n. 4, p. 311-314, 1990/91.

GLEICK, J. (Org.). *Caos: a criação de uma nova ciência*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

MENEZES, L.C. A ciência já está crescida para ver como o acaso é fundamental. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 9 jul. 1995. Caderno Mais! p. 13.

MONTEIRO, C.A.F. Travessia da crise (tendências atuais da geografia). *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 50, t. 2, p. 125-150, 1988. Edição especial.

MORICONI, I. *A provocação pós-moderna; razão histórica e política da teoria de hoje*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Diadorim, 1994.

PUMAIN, D. Humeur de caos. *L'espace géographique*, n. 4, p. 309-310, 1990/91.

SANTOS, B.S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 2. ed. Porto: Afrontamento, 1990.

SANTOS, B.S. *Pela mão de Alice; o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento, 1994.

SOJA, E. *Geografias pós-modernas; a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.